



APA

CAIRUCU

PARATY-RJ

INFORMAÇÕES BÁSICAS

MINISTÉRIO DA HABITAÇÃO, URBANISMO E MEIO AMBIENTE
SECRETARIA ESPECIAL DO MEIO AMBIENTE – SEMA

Brasília
1987

GOVERNO JOSÉ SARNEY

MINISTRO DO ESTADO DA HABITAÇÃO, URBANISMO
E MEIO AMBIENTE
Luiz Humberto Prisco Viana

SECRETÁRIO ESPECIAL DO MEIO AMBIENTE
Roberto Messias Franco

SECRETÁRIO ADJUNTO DE ECOSSISTEMAS
Edgar Henrique Klever

COORDENADORA DE ÁREAS DE PROTEÇÃO AMBIENTAL
Mércia Maria Diniz da Silva

ELABORAÇÃO DO TEXTO
Vicente Moreira Conti

CONTRIBUIÇÃO: VEGETAÇÃO E FAUNA
Norma Crud Maciel

REVISÃO E ADEQUAÇÃO
Cilúlia Maria Rodrigues de Freitas Maury
Maria Lúcia Moreira Nova da Costa

APOIO: COORDENADORA DE CONSCIENTIZAÇÃO E
EDUCAÇÃO AMBIENTAL
Zilda Maria Azevedo Faria

SUMÁRIO

I	INTRODUÇÃO.....	3
II	HISTÓRICO DA APA.....	5
III	LOCALIZAÇÃO.....	7
IV	CARACTERÍSTICAS AMBIENTAIS.....	9

SEMA. SEC. Coordenadoria de Áreas
de Proteção Ambiental.

Área de Proteção Ambiental Cairuçu –
Parati - RJ; informações básicas, por Vicente
Moreira Conti e outros. Brasília, 1987.

12 p.

APA. Cairuçu – Parati-RJ. I. CONTI, Vicente
Moreira. II. Título.

I. INTRODUÇÃO

A Área de Proteção Ambiental (APA) é uma unidade de conservação que tem por objetivo conciliar as atividades humanas com a preservação da vida silvestre, a proteção dos demais recursos naturais e a melhoria da qualidade de vida da população, através de um trabalho conjunto entre órgãos do governo com a participação ativa da comunidade.

A Lei Federal nº 6902/81 prevê a criação dessa nova categoria de unidade de conservação, que difere fundamentalmente das demais, por contornar o problema de desapropriação de terras.

II. HISTÓRICO DA APA

A região de Parati foi habitada quando do descobrimento pelos índios guaianás, que viviam em local de grande beleza e com uma natureza pujante.

Com a chegada dos colonizadores e com a criação da Vila de Nossa Senhora dos Remédios, teve início a exploração econômica da região com a lavoura de cana-de-açúcar. Tornou-se depois o porto exportador de ouro, em função do caminho que ligava a Vila até os centros produtores em Minas Gerais e finalmente intensificou-se a produção de café, vivenciando assim um grande crescimento econômico, cultural e social.

Já com o nome de Parati, devido a grande ocorrência do peixe com este nome, começou a ocorrer o declínio econômico da região, na década final do século XIX, graças a dois fatores: a construção da Estrada de Ferro D. Pedro II, que passou a ligar os centros produtores ao Rio de Janeiro, e a Abolição da Escravatura, que acabou com a mão-de-obra escrava.

Devido a este declínio, pode a região manter-se num estado extremamente preservado até a década de 70, quando então, iniciou-se uma violenta e acelerada ação antrópica, motivada pela valorização das terras e a crescente especulação imobiliária. Esses fatos foram causados pela abertura da BR-101, que acarretou a exploração irracional do meio ambiente, e gerou sérios conflitos sociais.

Visando proteger a única porção representativa e ainda em bom estado de conservação da Mata Atlântica na Região Sudeste, a Secretaria Especial do Meio Ambiente – SEMA, criou esta Área de Proteção Ambiental que levou o nome de Cairuçu, denominação indígena do Muriqui, presente ainda hoje na região e que quer dizer: cai = o mico; ruçu = grande. Esta unidade de conservação visa racionalizar a ocupação do solo, bem como integrar o homem ao meio ambiente, mantendo assim um equilíbrio que refletirá em sua qualidade de vida.

A APA de Cairuçu foi criada pelo Decreto Federal nº 89.242/83, com o objetivo de assegurar a proteção da natureza, paisagens de grande beleza cênica, espécies de fauna e flora raras e ameaçadas de extinção, sistemas hídricos e as comunidades caiçaras integradas nesse ecossistema. Apresenta um dos últimos redutos da Mata Atlântica, dando excelentes amostras de suas variações e características, inclusive apresentando os vários estágios e transições das matas higrófilas de encosta aos manguezais em estado clímax.

III. LOCALIZAÇÃO

Situa-se no extremo Sul do Município de Parati, no Estado do Rio de Janeiro, tendo como acesso principal a BR-101. Compõe-se de uma parte continental, com uma área de 33.800 ha, que se inicia no Rio Mateus Nunes e termina na fronteira com o Estado de São Paulo, e de uma parte insular, com 63 ilhas, desde a Ilha do Algodão, em Mambucaba, até a Ilha da Trindade, em Trindade. Faz também limite com o Parque Nacional da Serra da Bocaina.

IV. CARACTERÍSTICAS AMBIENTAIS

Clima:

Corresponde na Classificação de Köppen do tipo Af. apresenta temperaturas elevadas o ano inteiro sendo as variações de temperatura influenciadas pela presença marcante da Serra do Mar. A pluviosidade é elevada, alcançando totais que variam de 1.500 a 2.000mm (1970), sendo dezembro, janeiro e fevereiro os meses de maior incidência de chuvas. A unidade relativa do ar permanece em torno de 80% durante todo o ano.

Hidrologia:

Existem dois tipos de rios na área: os de planície, que penetram relativamente pouco na serra e os da faixa serrana que desenvolvem seus cursos na sua maior parte na montanha. De modo geral, os cursos são de pequena extensão, em virtude das condições do relevo que implicam na frequência de saltos e corredeiras. São cerca de 28 rios, dos quais destacam-se: Perequê-Açu, Parati-Mirim, Corisco e Mambucaba

(o mais extenso). Há quedas d'águas de grande beleza como a de Bananal, situada no curso do Perequê-Açu, com mais de 15 metros de altura, e do Curupira, em Parati-Mirim.

Geomorfologia:

O litoral se apresenta recortado e com grandes escarpas, que em certos trechos se encontram submersas, dando origem às ilhas. As reentrâncias maiores foram enseadas e baías com praias e cordões arenosos pouco desenvolvidos, dispostos ao pé da escarpa ou acompanhando as exíguas planícies, pois nenhum curso d'água mais importante chega a dissecar o paredão montanhoso. As enseadas com praias mais exuberantes são as do Sono e Trindade.

A parte da Serra do Mar, que forma o bordo ocidental, apresenta altitudes variáveis entre 800 a 1.200 metros, atingindo mais de 2.000 metros nos pontos culminantes. Seu aspecto é de uma imponente barreira montanhosa, disposta de modo aparentemente paralelo à linha da costa e com acentuada declividade.

Pedologia:

A predominância dos solos nas áreas de maiores altitudes e encostas, é do tipo podzólico com suas variantes, sendo mais observado o tipo latossolo amarelo-litossol. Na faixa litorânea predominam os solos hidromórficos.

Fauna:

Apesar da crescente ação antrópica, a região ainda é

descrita como contendo numerosas espécies da fauna, inclusive aquelas consideradas raras ou ameaçadas de extinção, como muriquí, macuco, jacutinga, pavão, gavião pega-macaco, veado mateiro e catigueiro, entre outros. Ressalta-se que a APA/Cairuçu, devido aos limites com o Parque Nacional da Serra da Bocaina, apresenta uma importância vital para as aves de rapina, que necessitam de grandes áreas florestadas para sua sobrevivência. Ainda devido a este limite, ocorrem vários felinos (onça pintada, jaguatirica, gato do mato); variada avifauna (azulão, curió, tucano-açu, papagaio, periquito); répteis (jararaca, cascável, cobra-coral, lagarto); anfíbios (rã pimenta, rã caiana, sapo, perereca), bem como uma infinidade de aracnídeos e insetos. Importante ressaltar os endemismos encontrados na APA/Cairuçu, dos quais destacam-se: formicarídeos (arredio-pálido, borralhara), cotingídeos (saudade, corocoxó), entre outros.

A piscosidade da região é imensa, estando intimamente ligada à preservação dos manguezais e florestas limítrofes, o que ressalta a importância da preservação destes para a economia pesqueira do Município. Entre as espécies da fauna marinha de grande importância citamos, entre outros: tainha, parati, robalo, cavala, enchova, além dos crustáceos como: siri, caranguejo e camarão.

Vegetação:

Na região destacam-se três tipos característicos: Mata Atlântica de encosta, a mata de restinga e o manguezal.

A mata higrófila nas encostas elevadas e nos vales apresenta-se exuberante. Diversas vertentes apresentam afloramentos rochosos e são cobertas por flora característica, constituída principalmente por elementos graminóides e outras plantas como antúrios, gravatás, orquídeas (Araceae, Bromeliaceae, Orquidaceae), dentre outras famílias ricas em endemismos

(Velloziaceae, Cyperaceae, Gesneriaceae). No que se refere as árvores de grande porte, destacam-se madeiras nobres, como: jacarandá, cedro, canela, oiti, peroba, louro, entre outras. Também observamos uma riqueza muito grande de espécies, representada nos estratos arbóreo inferior por plantas da família das palmeiras, como tucuru, pati, indaiá, brejaúva, pindoba além do palmito doce. Num passado não muito distante eram comuns as migrações das jacutingas, através da Serra do Mar, acompanhado a floração desta palmeira doce (*Euterpe edulis*).

O ecossistema de restinga encontra-se mais desenvolvido nas praias do Sono e Trindade. Possui vegetação característica, destacando-se: pitanga, araçá, aroeira, murici, e outras plantas, cujos frutos são apreciados pela fauna e pelo homem.

A vegetação de mangue é encontrada na baixada, nos terrenos de marinha, até onde se faz sentir a influência da maré. Neste ecossistema ocorrem plantas típicas como o mangue vermelho o mangue preto, seriúba ou sereiba e o mangue branco. Essas plantas são fundamentais para a produtividade pesqueira da região, pois suas folhas são elementos vitais da cadeia detritica, da qual participam milhões de microrganismos. Outro papel importantíssimo do mangue é a sua função de berçário e criadouro de inúmeras espécies de valor econômico.

PARTICIPE DESSE MUTIRÃO PELA VIDA

Para outras informações dirija-se à:
Secretaria Especial do Meio Ambiente – SEMA
Secretaria de Ecossistemas
Coordenadoria de Áreas de Proteção Ambiental
Av. W/3 Norte - Quadra 510 - Lote 08
Edifício Cidade de Cabo Frio – Brasília/DF
(061) 274-9885